Seria a história, como um todo, maior do que os sujeitos que a constroem? A resposta é obviamente, um redondo sim. Mas, existiria história sem os sujeitos que a constroem, que a tomam na mão e a escrevem?

A Relicário, desse semestre, homenageia uma personagem histórica de relevância. Não só importante por causa de seu renome, mas certamente porque foi capaz de cravar na história da arquitetura, um conceito, uma tendência, uma estética e uma poética.

Transitando entre anacronismos construtivos e movimentos de vanguarda, mas influenciada pelo espírito desenvolvimentista do século XX e por grandes reviravoltas políticas dessa época, nossa homenageada fez a arquitetura cruzar com o humanismo. Em meio à guerra, ela mesma diz ter se dado conta de que as casas eram o “espelho do homem”, eram “o homem”¹.

Seu nome é muito conhecido: Lina Bo Bardi. Nascida em Roma, aos cinco de dezembro de 1914, Lina foi uma arquiteta modernista ítalo-brasileira. Em 1946, quando veio para o Brasil, a arquiteta desenvolveu estima pela cultura popular, o que ficou bastante explícito em suas obras, a saber: esse trânsito frequente e bem feito entre o moderno e o *pop*, *com forte desprezo pela futilidade*. Entre suas obras de destaque estão o Museu de Arte de São Paulo (MASP); o Museu de Arte Moderna, na Bahia; o SESC Pompéia, em São Paulo e a Igreja do Divino Espírito Santo do Cerrado, em Uberlândia.

Não por acaso, a escolhemos. Além de fazer parte de nossa história, legando-nos uma das Igrejas mais belas da Diocese de Uberlândia, no último dia 05 de dezembro de 2014, Lina completaria 100 anos. A Revista Relicário, portanto, comemora, por este presente número, os 100 anos de Lina.

Por essa ocasião, também, muitos trabalhos da arquiteta foram expostos no mundo todo. Não foi diferente, na diocese de Uberlândia. A Igreja Divino Espírito Santo tornou-se um importante referencial nesse período, não só para visitas, mas para uma exposição da arquiteta, em parceria com a Universidade Federal de Uberlândia e o Instituto Lina Bo e P.M. Bardi - SP.

Coroando esse marco, fundamental para a arquitetura e para a história, esse número inicia com um excelente artigo da Arquiteta e Urbanista pela Escola de Engenharia de São Carlos- USP e também mestrande do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – USP, Lygia Pinheiro de Castro. Além de apresentar a trajetória da arquiteta Lina Bo Bardi, a autora do artigo explora as matrizes que constituíram a postura da mesma.

O segundo artigo, da também Arquiteta Urbanista Natália Achcar, é parte de um projeto de mestrado, intitulado “Um olhar sobre a Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado”. O artigo fala da atuação de Lina Bo Bardi (1914-1992) em termos de cultura

¹BARDI, Lina Bo. Na Europa a casa do homem ruiu. Rio de Janeiro, Revista Rio, 1947. In: RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina. **Lina por escrito**: textos escolhidos de Lina Bo Bardi. São Paulo: Cosac & Naify, 2009a, p. 65-67.

popular e seu reflexo na solução de arquitetura do conjunto religioso. E, brevemente, perpassa a questão do tombamento que, segundo a autora, fez daquele espaço, um lugar de memória.

O terceiro artigo explora ainda mais as discussões a respeito da Igreja Divino Espírito Santo, ultrapassando o projeto arquitetônico e tratando-a como um movimento social. Para tanto, o trabalho da Mestre em Teoria da História, Arquitetura e Urbanismo, Ana Paula Tavares, pretende relacionar a obra de Lina Bo Bardi no contexto político e social dos anos de 1970 e 1980 no Brasil, ao mesmo tempo utilizando-se de conceitos filosóficos, principalmente, os que dizem respeito ao protagonismo da população no processo de construção da igreja. Como toda obra fala de seu criador, não abandonamos, aqui, todo o brilhantismo de Lina.

O quarto artigo – escrito em parceria por Ivete Batista da Silva, doutora em história pela Universidade de São Paulo e Christopher Lima, especialista em Cultura Afro-Brasileira – por sua vez, investiga melhor a questão do tombamento da Igreja, desejando entender seu real valor para a comunidade e como o processo de tombamento afetou a compreensão do povo e a relação do mesmo com o conjunto arquitetônico.

Certamente, a história é maior do que seus componentes, mas o é, só porque existem sujeitos históricos para fazê-la acontecer. E, sem sombra de dúvidas, quanto maior a figura histórica, sua relevância e ‘estatura’, mais elevada será a arquitetura de nossa história... Deixamos os leitores, pois, em excelente companhia...

Pe. Eduardo César Rodrigues Calil

Diretor da Revista Relicário